

MEDIAÇÃO TRANSFORMATIVA NA PROMOÇÃO DE RELAÇÕES INTERPESSOAIS POSITIVAS EM CONTEXTO PRISIONAL

TRANSFORMATIVE MEDIATION IN PROMOTING POSITIVE INTERPERSONAL RELATIONSHIPS IN THE PRISON CONTEXT

Ana Figueiras¹
Daniela Cruz²
Teresa Vilaça³
Duarte Barros⁴

Resumo

A mediação tem ganho maior expressão como um método de prevenção de comportamentos negativos e situações de conflito, em que as partes, por sua livre vontade e através de uma ativa participação direta, são auxiliadas por um mediador a encontrar uma solução negociada e amigável para o seu problema ou conflito. A investigação tem mostrado que a mediação compreende um processo alternativo que não se esgota na resolução de conflitos, mas ultrapassa-o, destacando-se o seu potencial educativo e transformador. Numa perspetiva de mediação preventiva e transformadora é possível que se criem condições para um clima positivo nas relações interpessoais pela capacitação e consciencialização. Neste contexto, no âmbito do Projeto Nacional de Educação pelos Pares da Fundação Portuguesa “A Comunidade contra a Sida”, foi feito um diagnóstico de necessidades de formação num estabelecimento prisional, com um grupo inicial de 25 presidiários com idades compreendidas entre os 25 e os 83 anos de idade. A partir da análise feita pelo grupo aos cartões de diagnóstico dos interesses iniciais, definimos o seguinte problema de intervenção e investigação: Quais são os efeitos de atividades ativas centradas nos interesses dos reclusos na melhoria das relações interpessoais, autoconhecimento e conhecimento sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis? Os dados para avaliação do projeto foram recolhidos durante a observação participante com construção dos diários de bordo. As respostas dos reclusos nas discussões finais de cada atividade, tal como o feedback dos mesmos ao longo das sessões, tornaram-se os elementos de avaliação da implementação do projeto. Observou-se que a maior parte dos reclusos parece que melhorou as relações interpessoais com os pares, o conhecimento sobre si próprio e o conhecimento sobre a prevenção de DSTs. Além disso, a adesão de novos participantes em cada sessão nova demonstrou o interesse dos reclusos no projeto.

Palavras-Chave: Competências interpessoais, prevenção, estabelecimento prisional.

Abstract

Mediation has gained greater expression as a method of preventing negative behaviours and conflict situations, in which the parties, by their free will and through active direct participation, are assisted by a mediator to find a negotiated and friendly solution for the problem or conflict. Research has shown that mediation comprises an alternative process that does not end with conflict resolution, but goes beyond it, highlighting its educational and transformative potential. In a perspective of preventive and transformational mediation, it is possible to create conditions for a positive climate in interpersonal relationships through training and awareness. In this context, within the scope of the Portuguese Peer Education Project of the Portuguese Foundation “The Community against AIDS”, a diagnosis of training needs was made in a prison establishment, with an initial group of 25 prisoners aged between 25 and 30 years. 83 years old. From the analysis made by the group to the diagnosis cards of initial interests, we define the following problem of intervention and investigation: What are the effects of active activities focused on the interests of prisoners in improving interpersonal relationships, self-knowledge and knowledge about prevention of sexually transmitted disease? The data for evaluating the project were collected during participant observation with the construction of logbooks. The prisoners' responses to the final discussions of each activity, as well as their feedback throughout the sessions, became the elements for evaluating the project's implementation. It was observed that most prisoners seem to have improved interpersonal

¹ Finalista Licenciatura em Educação, Universidade do Minho, Portugal, A83959@alunos.uminho.pt

² Finalista Licenciatura em Educação, Universidade do Minho, Portugal, A77088@alunos.uminho.pt

³ Professora Auxiliar, investigadora integrada CIEC, Universidade do Minho, Portugal, tvilaca@ie.uminho.pt

⁴ Centro de Aconselhamento e Orientação de Jovens, Portugal, duartebarros.caoje@gmail.com

relationships with peers, knowledge about themselves and knowledge about STD prevention. In addition, the participation of new participants in each new session demonstrated the prisoners' interest in the project.
Keywords: Interpersonal skills, prevention, prison establishment.

Introdução

A mediação, enquanto instrumento de gestão da comunicação e das interações entre as pessoas permite estabelecer novas dinâmicas relacionais, duradouras e contributivas entre os diferentes sujeitos. Segundo Barbosa (2015), muitos autores consideram que a mediação, como princípio, contém carga pedagógica, pois depende da aprendizagem de comportamentos que permitam estabelecer a comunicação entre pessoas. Na sua perspetiva, a mediação concretiza-se pelo emprego de um conjunto de técnicas de comunicação que garantem “uma escuta qualificada prestando-se, com muita eficácia, a dar vida ao princípio constitucional de proteção à dignidade da pessoa humana e de proteção do Estado” (pp. 36-37). Segundo este autor, a mediação é um método fundamentado, teórica e tecnicamente, por meio do qual uma terceira pessoa, neutra e especialmente treinada, ensina os mediandos a utilizarem os seus recursos pessoais para conseguirem, por eles próprios, com evidente mudança de comportamento, transformar o conflito. Lima (2017) argumenta que a mediação compreende um processo alternativo que “não se esgota na resolução de conflitos antes destaca o seu potencial educativo e transformador” (p.4). Neste sentido, o autor destaca que usando uma mediação numa perspetiva preventiva e transformadora, é possível criar condições para um clima positivo nas relações interpessoais pela capacitação e consciencialização das pessoas envolvidas.

Neste contexto, no âmbito do Projeto Nacional de Educação pelos Pares (PNEP) da Fundação Portuguesa “A Comunidade contra a Sida”, foi feito um diagnóstico de necessidades de formação num estabelecimento prisional, com um grupo inicial de 25 presidiários com idades compreendidas entre os 25 e os 83 anos de idade. A partir da análise feita pelo grupo aos cartões de diagnóstico dos interesses iniciais, definimos o seguinte problema de intervenção e investigação, que orientou a intervenção que será objeto de análise nesta comunicação: Quais são os efeitos de atividades ativas centradas nos interesses dos reclusos na melhoria das relações interpessoais, autoconhecimento e conhecimento sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis?

Problematização Teórica

Necessidades de Promoção da Saúde em contexto prisional

Um estudo feito pela Pordata, no ano de 2018, mostra que havia cerca de 12.867 indivíduos presos. Dado este elevado número de reclusos, os estabelecimentos prisionais são considerados um problema de saúde pública, uma vez que as doenças sexualmente transmissíveis e a tuberculose são as duas situações clínicas mais frequentes na população reclusa. Segundo a Associação Portuguesa para a Prevenção e Desafio à SIDA (s.d), apesar do elevado número de infetados nas prisões, os programas de intervenção não chegam até aos mesmos, pois existe o pensamento de que, com a abordagem, suscite e estimule comportamentos de risco nos reclusos. Contrariamente, “educar as pessoas para o VIH pode ajudar a prevenir novas infeções e melhorar a qualidade de vida das mesmas, ajudando-as a minimizar o impacto do estigma e da discriminação. A educação é, geralmente, considerada como uma componente essencial da prevenção”. (Associação Portuguesa para a Prevenção e Desafio à SIDA, s.p.)

Segundo a Organização Mundial da Saúde (s.d.), as prisões são ambientes de alto risco para transmissão do vírus da imunodeficiência humana (VIH), devido à superlotação, má nutrição, acesso limitado a cuidados de saúde, uso contínuo de drogas, práticas de injeção inseguras, sexo desprotegido e tatuagem. Além disso, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (s.d.) muitos reclusos vêm de populações marginalizadas, como usuários de drogas injetáveis (UDI), e já apresentam um risco elevado de VIH.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) (World Health Organization, 2007) alerta que há poucas medidas de prevenção do VIH nas prisões, apesar da investigação ter vindo a mostrar que as medidas de prevenção do VIH nas prisões bem-sucedidas incluem o fornecimento de: Educação e informação sobre VIH / SIDA; agulhas e seringas limpas; tratamento medicamentoso (incluindo terapia de substituição de opióides); e preservativos. Segundo a OMS, negar o acesso a essas medidas coloca as pessoas nas prisões em maior risco de infeção pelo VIH e coloca, também, os reclusos que são seropositivos numa situação em risco aumentado de declínio da sua saúde, co-infeção com tuberculose e hepatite e, finalmente, morte.

As Diretrizes da Organização Mundial de Saúde sobre a Infeção pelo VIH / SIDA nas prisões (World Health Organization, 1999) recomendam quatro medidas para a prevenção do VIH/SIDA nas prisões: i) educação e formação; ii) medidas de prevenção da transmissão sexual; iii) medidas de prevenção da transmissão da infeção por drogas injetáveis; iv) medidas de prevenção do uso de outras substâncias que podem aumentar a probabilidade de infeção pelo VIH. Estas medidas serão brevemente apresentadas em seguida:

Educação e formação. Os presos e funcionários da prisão devem ser informados sobre o VIH / SIDA e sobre formas de prevenir a transmissão pelo VIH, com especial referência à probabilidade dos riscos de transmissão em ambientes prisionais e às necessidades dos presos após a libertação. As informações dos presos devem ser coordenadas e consistentes com as divulgadas na comunidade em geral, através de cartazes, folhetos e meios de comunicação de massa, e todos os materiais escritos distribuídos aos presos devem ser apropriados ao seu nível educacional, num idioma e forma que a possam entender, e apresentada de forma atraente e formato claro. Os funcionários da prisão devem receber informações sobre a prevenção de VIH / SIDA durante a sua formação inicial e, posteriormente, regularmente. Os presos devem receber educação sobre o VIH / SIDA quando entram para a prisão, durante a sua estadia na prisão e em programas de pré-libertação. Deve ser incentivada a consulta e a participação dos presos e funcionários no desenvolvimento de materiais e a educação pelos pares, devendo quer os profissionais da prisão quer os próprios presos ser envolvidos na divulgação de informações. Os presos devem ser informados dos perigos do uso de drogas e dos riscos de partilhar equipamentos injetáveis.

Transmissão sexual. Os presos deverão ser informados de forma clara sobre os tipos de comportamentos sexuais que podem levar à transmissão pelo VIH e o papel dos preservativos na prevenção da infeção. Deverão ser disponibilizados preservativos nas prisões. Os responsáveis pelas prisões são responsáveis pelo combate a comportamentos de agressão sexual como a violação e exploração de presos vulneráveis (ex., presos transsexuais ou homossexuais ou presos com incapacidade mental) e todas as formas de vitimização dos presos, através da vigilância dos guardas prisionais, sanções disciplinares, e educação, trabalho e programas de tempos livres.

Transmissão da infeção por drogas injetáveis. Os presos deverão ser informados sobre os perigos do uso de drogas, nomeadamente os riscos de partilharem equipamentos para se injetarem. Os presos dependentes de drogas devem ser encorajados a entrar num programa de tratamento enquanto estão na prisão, com proteção adequada da sua confidencialidade. Esses programas deverão incluir informação sobre o tratamento de dependência de drogas e os riscos associados com os diferentes métodos de uso de drogas.

Uso de outras substâncias que podem aumentar a probabilidade de infeção pelo VIH. A ingestão oral ou inalação de substâncias psicoativas, tais como a cocaína, solventes e álcool, alguns dos quais são muito usados em prisões em todo o mundo, podem aumentar a probabilidade de transmissão pelo VIH, porque impedem os presos de avaliar as consequências dos riscos e a utilização de medidas preventivas. Por isso, os utilizadores

ou os potenciais utilizadores de drogas psicoativas deverão ser consciencializados para estes riscos e, também, para as consequências do consumo destas substâncias, num contexto mais amplo de educação para a saúde.

A Organização Mundial da Saúde e Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o VIH/SIDA (World Health Organization & Joint United Nations Programme on HIV/AIDS, 2006) defendem uma abordagem holística da saúde para a prevenção do VIH/ SIDA em contexto prisional. Na sua perspetiva, os esforços para reduzir a transmissão do VIH nas prisões e para cuidar de pessoas que vivem com o VIH/SIDA, devem ser holísticas e integradas com medidas mais amplas para combater a inadequações das condições gerais de cuidados de saúde na prisão, como referido anteriormente. Nesta perspetiva holística, os projetos de educação sexual devem incluir uma visão positiva e ampla da saúde, isto é, uma visão que inclua a alteração de estilos de vida e/ou condições de vida e trabalho, simultaneamente, para a prevenção da doença e a promoção do bem-estar (Vilaça, 2017). Assim, o desenvolvimento de competências interpessoais e da competência para a ação de prevenção da infeção pelo VIH/SIDA são centrais neste processo.

Desenvolvimento de competências de relacionamento interpessoal e educação pelos pares

De acordo com Chiavenato (2010, citado por Fonseca, Reis, Mesquita e Alcantara, 2016), o relacionamento interpessoal é o comportamento humano, gerado através da interação entre pares, a confiança e a participação das mesmas (s.p.). Logo, as relações interpessoais são a forma de como nós, enquanto sociedade, nos relacionamos com o outro, podendo ser positivas ou negativas.

Segundo Fachada (2018) o autoconhecimento, bem como a auto valorização, possibilitam ao indivíduo o desenvolvimento das relações interpessoais positivas e, conseqüentemente, a construção de um ambiente social positivo. De acordo com o autor, o resultado para coexistirem relações positivas entre pares é um bom conhecimento intrapessoal.

Fonseca, Reis, Mesquita e Alcantara (2016) explicam que de forma a alcançar um relacionamento interpessoal positivo é necessário ter a capacidade para interagir adequadamente com pessoas com diferentes características, tendo uma atitude facilitadora do relacionamento e gerindo as dificuldades e eventuais conflitos de forma ajustada. Esta capacidade traduz-se, nomeadamente, nos seguintes comportamentos: ter um trato cordial e afável com colegas, superiores e os diversos utentes do serviço; trabalhar com pessoas com diferentes características; resolve com correção os potenciais conflitos, utilizando estratégias que revelam bom senso e respeito pelos outros; denotar autoconfiança nos relacionamentos e integrar-se adequadamente em vários contextos socioprofissionais.

O contexto e as condições a que os indivíduos estão sujeitos terão uma influência direta nos relacionamentos interpessoais, interferindo na forma como estes convivem entre si. Conflitos e disputas nas relações interpessoais podem resultar na deterioração das relações sociais e das relações inter e intra-organizacionais (Leitão, Fortunato & Freitas, 2006, s.p.). De forma a combater a degradação das relações interpessoais, a educação pelos pares apresenta-se como a mais adequada para resolver competências de relacionamento interpessoal.

A educação pelos pares não substitui a educação formal, mas serve como um complemento da mesma, utilizando uma metodologia motivadora e pró-ativa. Segundo Turner e Sheperd (1999), “a educação pelos pares é uma estratégia que envolve membros experientes e de apoio num grupo específico, a fim de incentivar uma mudança comportamental desejável entre membros do mesmo grupo” (s.p.). Esta estratégia procura responder a assuntos relacionados com a promoção da saúde, prevenção da doença e de comportamentos de risco. De acordo com Price e Knibbs (2009) surgiu como uma alternativa à educação para a saúde tradicional que estava a mostrar-se pouco eficaz na promoção da saúde sexual e reprodutiva, por estar centrada no indivíduo e procurar aumentar apenas o seu conhecimento e a sua motivação para ter comportamentos saudáveis. Para Sciacca e Black (1996), a educação pelos pares é frequentemente utilizada para ensinar, partilhar informações entre pares, valores e comportamentos na área da saúde em diversas faixas etárias ou grupos sociais.

O “Projeto Nacional da Educação pelos Pares” (PNEP) da Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra a SIDA” (s.d.), focando-se na educação pelos pares, tem como objetivos: desenvolver competências de vida para a prevenção da infeção pelo VIH/SIDA e o consumo de substâncias psicoativas e desenvolver competências para a adoção de uma sexualidade saudável. Este projeto desenvolve-se a partir do diagnóstico das necessidades de formação do público alvo e recorre a metodologias ativas e participativas e ao Teatro Universitário de Intervenção.

Potencialidades da Mediação Transformativa na Educação pelos Pares

Santos e Filippin (2018), baseados em alguns trabalhos de referência em mediação transformativa, nomeadamente em Bush e Folger, argumentam que ela tem como foco favorecer e estimular a criatividade dos sujeitos nas relações interpessoais, bem como a prevenção de comportamentos de risco, pois a mediação transformativa tem como objetivos principais a revalorização e o reconhecimento de si próprio em contextos interpessoais. Segundo os autores, a revalorização está associada à consciência mais sólida pelo indivíduo acerca de seu próprio valor e capacidade de resolver os seus problemas e dificuldades. Por sua vez, o reconhecimento corresponde ao desenvolvimento da capacidade de superar atitudes defensivas, hostis ou distantes em relação ao outro. Reforçando esta ideia, Bonafé-Schmitt (1992) explica que “a mediação não

é simplesmente uma técnica de gestão de conflitos, constitui também um processo de aprendizagem de novas formas de sociabilidade” (p.197). Neste sentido, Torremorrell (2008) defende que a mediação contribui para “melhorar a qualidade das relações humanas, uma vez que facilita a elaboração e compreensão dos encontros, convertendo-os em momentos vividos e não em simples informações sobrepostas” (p. 77), o que possibilita, na sua perspectiva, explorar o domínio preventivo e, conseqüentemente, formativo, pois permite às partes do processo de mediação uma maior envolvimento e capacitação, proporcionadas pelos encontros de mediação, o que futuramente lhes possibilita possuir um outro olhar em relação a novas situações que possam eventualmente surgir.

Para o projeto em questão procuramos na mediação uma estratégia para a transformação dos conflitos, sendo estes considerados um meio que possibilita a mudança e o crescimento dos mediados em situações de conflito, de forma a auxiliar na resolução de problemas atuais e futuros. Pretendemos na mediação, que o conflito seja visto como natural e inevitável nas relações humanas, sendo este uma oportunidade e não um impedimento nos relacionamentos interpessoais. De acordo com Six e Guillaume-Hofnung (citado por Costa, Almeida & Melo, 2009, p.166), pode-se, no entanto, “conceber a mediação como um meio de criação, recriação ou renovação de laços interpessoais, que se exerce através da prática formal ou informal de gestão, resolução e, especialmente, transformação dos conflitos pelos indivíduos envolvidos, consistindo num processo de comunicação, cooperação e reencontro interpessoal”.

Método

Metodologia de intervenção e avaliação

Como referido anteriormente, o presente Projeto, designado “Projeto Pensar para Recomeçar”, surge no âmbito de um projeto implementado num estabelecimento prisional, enquadrado no Projeto Nacional de Educação pelos Pares da Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra a Sida”. Este projeto tem como objetivo promover as relações interpessoais positivas, através de um processo de mediação transformativa. De acordo com as características do projeto, a mediação transformativa foi a metodologia que mais se ajustou à intervenção pretendida, na medida em que facilita o diálogo e prevê a ação, potencializando a comunicação entre pares. Assim sendo, segundo as necessidades do público alvo, a mediação preventiva/transformativa apresentou-se como a metodologia ideal para a intervenção no contexto prisional.

A fim de identificar a situação-problema, recorreremos a conversas informais com o responsável pelo nosso acompanhamento no estabelecimento prisional, assim como à literatura, para que dessa forma conseguíssemos a validação da recolha de dados. O levantamento de

necessidades do público alvo foi feito através da distribuição de cartões de diagnóstico dos interesses iniciais, de forma a identificar a problemática a tratar, ou seja, compreender o que era necessário mudar ou melhorar.

A planificação consistiu no desenvolvimento de um plano de ação com vista a melhorar a problemática identificada no diagnóstico, onde se verificou um défice nas relações interpessoais entre indivíduos. Nesta fase, a equipa estruturou atividades de caráter cooperativo e colaborativo, que ocorreram no interior do estabelecimento prisional e foram repartidas em 12 sessões semanais com a duração de 60 minutos. Devido à situação atual, covid19, não foi possível implementar o total das sessões, realizando-se apenas 5 sessões.

Durante a implementação das atividades, com base em pesquisas bibliográficas, reuniões com o acompanhante da instituição e o *feedback* dado pelos participantes, surgiram mudanças e melhorias na planificação inicial, tanto nas ferramentas que pretendíamos utilizar, como na construção do nosso próprio conhecimento sobre a problemática. Este projeto de intervenção e avaliação, possibilitou-nos uma melhor adaptação das práticas ao contexto real. Através dos resultados obtidos nas atividades fomos construindo os diários de bordo das sessões implementadas, delineando, assim, as nossas ferramentas de avaliação do projeto.

As atividades implementadas tiveram como foco o desenvolvimento de competências pessoais e sociais. Ao nível das competências pessoais foram desenvolvidas atividades (Quadro 1) com a finalidade de aumentar a autoestima, desenvolver competências de autoconhecimento e fortalecer competências para se dar a conhecer aos outros.

Quadro 1. *Atividades para desenvolver as competências pessoais*

Atividade	Objetivos	Descrição
O que pensas sobre mim?	<ul style="list-style-type: none"> -Identificar a perceção dos colegas sobre as suas características pessoais positivas -Avaliar se a perceção dos colegas sobre as suas características pessoais positivas é realista -Ser capaz de partilhar com os outros as características pessoais positivas que possui 	Pedir aos intervenientes para se sentarem em círculo (forma em que a sala esta previamente organizada). Em seguida, pede-se que falem um pouco sobre o seu colega do lado direito. Deve ser frisado que apenas queremos ouvir aspetos positivos sobre os colegas. No fim de cada participante fazer a descrição do colega do lado, pede-se que ao passar a palavra a esse colega, o mesmo confirme se tem essas características e se pretender, acrescentar mais alguma informação ao que tinha sido anteriormente dito pelo colega.
Roleta dos elogios	<ul style="list-style-type: none"> -Identificar a perceção dos colegas sobre as suas características pessoais positivas 	Pedir aos participantes para se colocarem em pé. Colar um papel nas suas costas. Pedir aos participantes que escrevam elogios nas costas dos colegas que o caracterizem. No final, dizer aos participantes que

		podem guardar o papel que tinham colado nas costas, ou simplesmente deitá-lo fora.
Com que animal me pareço?	<ul style="list-style-type: none"> -Identificar características pessoais positivas. -Ser capaz de partilhar com os outros as características pessoais positivas que possui. -Avaliar se as perceções iniciais se mantêm, depois de mencionar características menos positivas. 	Colar no quadro imagens de quatro animais, entre eles, um gato, um golfinho, um leão e um cão. Pedir aos participantes para pensarem breves instantes sobre o animal com mais se identificam. Em seguida, pedir-lhes para mostrarem aos colegas a imagem e explicarem o motivo da sua escolha (nota para o mediador: por detrás da imagem do animal escolhido, encontram-se as reais características de quem o escolheu). Promover uma discussão para refletir sobre os objetivos da atividade e o que aprenderam com ela.
Que objeto sou?	<ul style="list-style-type: none"> -Identificar características pessoais positivas. -Ser capaz de partilhar com os outros as suas características pessoais positivas. 	Solicitar aos participantes que se sentem em círculo. Pedir que pensem, por breves instantes, qual é o objeto com que mais se identificavam. Pedir-lhes para partilharem com todos os participantes, se o desejarem, qual é esse objeto e a razão porque se identificam com ele.
Jogo das palavras	<ul style="list-style-type: none"> -Identificar momentos chave da sua vida. -Ser capaz de partilhar com os outros uma palavra positiva e negativa que associem a um momento da sua vida. 	Colocar dois bancos em paralelo. Colocar num banco palavras muito positivas como: felicidade, alegria, união, partilha, felicidade, verdade, amor, etc. (...). Colocar no outro banco palavras que remetam a sentimentos negativos: dor, nervosismo, arrependimento, angústia, desespero, vergonha entre outros. Pedir aos participantes que um a um se desloquem ao centro e escolham uma palavra positiva e uma menos positiva, de cada um dos bancos, pedindo-lhes que associem cada uma dessas palavras a um momento diferente da sua vida. Pedir-lhes para partilharem com todos os participantes, se o desejarem, as razões por que escolheram essas palavras.

Nas atividades com vista a promover competências sociais os objetivos pretendidos foram a promoção da interação entre pares, o desenvolvimento da comunicação assertiva e a análise de preconceitos pessoais (Quadro 2).

Quadro 2. *Atividades para desenvolver as competências sociais*

Atividade	Objetivos	Descrição
Quem salvas?	<ul style="list-style-type: none"> -Ser capaz de expressar opiniões com os outros -Saber respeitar e aceitar a opinião dos colegas -Refletir sobre preconceitos sociais 	Dividir os participantes por grupos. Apresentar uma situação em que terão de salvar apenas 6 de 14 pessoas. Dizer uma característica das 14 personalidades e pedir aos grupos que escolham as 6 pessoas, esclarecendo que poderão mudar as suas opções. De seguida, apresentar mais uma característica de cada personalidade e dizer aos participantes que podem manter ou alterar a decisão inicial e assim

		sucessivamente. Seguir este ritmo, até que não existam mais características ou factos sobre essas 14 pessoas. No final da atividade, pedir aos grupos para apresentarem aos restantes grupos as suas escolhas e o porquê das mesmas.
Caso do Miguel	-Identificar possíveis preconceitos -Refletir sobre o modo superficial com que se julga o outro	Dividir os participantes em cinco grupos. Informar o grande grupo que será distribuído um relato diferentes a cada grupo, relatos esses que são de cinco pessoas que um dia se encontraram com a personagem Miguel. Explicar que a partir de cada relato os grupos têm de caracterizar o Miguel. No final dos relatos solicitar que cada grupo partilhe com os outros grupos o relato que analisaram. Após lerem o relato pediremos para partilharem a perceção com que o grupo ficou do Miguel. Um dos elementos da implementação da atividade escreve no quadro as características que os grupos vão mencionando sobre o Miguel. No final das partilhas, os organizadores da atividade leem o relato do Miguel. No final, faz-se uma discussão final tendo por base a pergunta: “qual é a perceção com que ficaram do Miguel após ouvirem o relato do mesmo?”.

O desenvolvimento dos relacionamentos interpessoais positivos seriam um fator permanente e imprescindível nos restantes eixos do projeto, devido ao facto dos mesmos incluírem e privilegiarem a interação entre pares durante todo o processo. No entanto, como já referido, este projeto foi interrompido devido à situação atual da pandemia COVID-19.

Caracterização do público alvo

Todos os reclusos tiveram a possibilidade de participar de forma voluntária nas sessões. Durante as sessões fomos registando a presença de novos participantes. O facto de estarmos num estabelecimento prisional e existir esta oscilação de número de participantes não nos possibilita obter uma caracterização concreta do público alvo. Contudo, na primeira sessão realizada, através dos cartões de interesses iniciais, registamos um total de 25 reclusos com idades compreendidas entre os 25 e os 83 anos de idade. Também observamos que ao longo das sessões o número de reclusos foi sempre aumentando.

Recolha de dados

Com o objetivo de identificar as necessidades do público-alvo, aplicamos uma caixa de dúvidas com cartões de diagnóstico dos interesses iniciais. Optamos pela realização de um questionário anónimo, para que dessa forma os reclusos se sentissem mais à vontade para responder. O questionário, na forma de um cartão, apresentava as seguintes questões: Qual é a tua idade?; Quais são as três coisas que gostas mais em ti?; Há algo sobre ti que gostarias que nós

soubéssemos neste projeto?; Quais são os temas que gostarias que fossem abordados na formação?; Que dúvidas tens em relação a esses temas?.

Para avaliar o projeto, também foram utilizados dois questionários do Projeto Nacional de Educação Pelos Pares, um na fase inicial, que aborda as expectativas dos indivíduos para o projeto, e um questionário na fase final das 12 sessões, onde o público alvo expõe a sua opinião sobre o projeto.

Ao longo das sessões fomos realizando diários de bordo, onde constava o número de participantes, a identificação e descrição dos resultados das atividades desenvolvidas, e onde fazíamos uma reflexão crítica sobre a sessão. Para a realização da reflexão crítica recorremos à observação direta, anotações das respostas dos participantes e *feedback* dos participantes no decorrer das atividades desenvolvidas. O diário de bordo “é um experiencia de estimulação de diversas capacidades cognitivas necessárias ao bom desenvolvimento de uma prática científica, a saber: a faculdade de autoconhecimento e do senso crítico-analítico” (Santos, 2018, p.2).

Resultados

Evolução nas relações interpessoais

Nos resultados alcançados nos cartões iniciais, deparamo-nos com a falta de respostas de alguns e a dificuldade responder à questão “Há algo sobre ti que gostarias que nósoubéssemos neste projeto?”, demonstrando um défice na partilha e comunicação com o outro.

As evoluções nas relações interpessoais foram avaliadas em função da interação entre pares, durante as atividades de grupo, bem como, a autonomia evidenciada pelos participantes em momentos em que se teriam de dividir em grupos. Um fator que influenciou as interações positivas alcançadas ao longo das sessões, foi o facto de utilizarmos atividades de carácter cooperativo e colaborativo. Verificamos uma melhoria nas relações interpessoais, tanto a nível do grande grupo como com o próprio grupo. O facto de os indivíduos terem autonomia para participar de forma voluntária nas sessões, é um indicador do seu interesse em interagir e dar-se a conhecer ao grupo.

Inicialmente, na primeira sessão, observamos que os participantes, pela falta de interação com alguns colegas, bem como pelo facto de nos conhecerem mal, não se sentiram à vontade para comunicar uns com os outros. Contudo, demonstraram interesse em participar e conseguiram corresponder às nossas expectativas para a atividade. No decorrer das restantes sessões fomos denotando que os participantes já se sentiram mais à vontade e com mais entusiasmo para se relacionarem uns com os outros e até mesmo com a própria equipa formadora, como ilustra o excerto seguinte do nosso diário:

Por exemplo, na atividade do jogo das palavras, evidenciamos que os participantes “conseguiram partilhar livre e positivamente os momentos bons e menos bons da sua vida. Conseguimos alcançar os objetivos pretendidos para esta atividade, foi nos então possível desenvolver competências linguísticas, tal como melhorar a capacidade de comunicação e partilha com o outro” (Diário de Bordo, 13, fevereiro, 2020).

Relativamente à interação dos reclusos para conosco, enquanto equipa responsável pelo projeto, constatamos uma gradual evolução positiva. Numa fase inicial, sentimos que o facto de sermos elementos externos à organização fazia com que os participantes sentissem receia de partilhar as suas ideias e interagir conosco. Contudo, no decorrer das sessões, verificamos que essa relação foi-se construindo.

Evolução do autoconhecimento dos reclusos durante a implementação do projeto

No início do projeto os reclusos tiveram dificuldades em escrever características pessoais positivas que possuíam quando lhe colocamos a questão anónima: “Quais são as três coisas que gostas mais em ti?”. Verificou-se que não foram precisos nas respostas, demonstrando uma falta de autoconhecimento e uma relação menos positiva consigo mesmo, acabando por fugir um pouco à questão. As suas respostas foram do seguinte tipo: “Sinto-me livre”; “Filhos e Netos”; “Ter saúde”; “Olhos e Pestanas”. Durante o preenchimento dos cartões, os reclusos solicitaram a nossa ajuda, demonstrando dificuldade em responder à mesma.

Com o decorrer das sessões denotamos uma evolução positiva na relação intrapessoal dos reclusos. Com a sua participação nas sessões fomos sentindo um aumento de confiança, bem como, comportamentos que demonstravam a que se autovalorizavam. Encontramos algumas evidências desta auto-valorização na atividade “O que pensas sobre mim?”. Nesta atividade, após cada participante descrever o colega do lado, o próprio descrito, demonstrou interesse em partilhar um pouco mais sobre si. Ao refletirmos sobre esta sessão, escrevemos que os sujeitos “foram muito interativos, sentimos que estavam entusiasmados em partilharem um pouco sobre eles” (Diário de Bordo, 6, fevereiro, 2020). Outro exemplo da evolução positiva a nível do autoconhecimento dos reclusos foi a atividade “Se fosse um animal qual seria?”. Nesta atividade observamos um grande interesse em se autodefinirem, mostrando características positivas referentes ao animal que escolheram com o objetivo de se autovalorizarem, tendo dado respostas como: ser amigo, protetor, respeitador, um apoio para a família, comunicativo, afável, carinhoso, responsável, brincalhão, entre outras.

Observou-se que a dificuldade que os reclusos tinham em se autodefinir provém da falta de estímulo subjacente ao contexto, bem como, do pensamento destrutivo que os indivíduos desenvolvem no mesmo.

Conhecimento sobre a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis

Aumentar o conhecimento sobre a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis era um dos principais objetivos do nosso projeto, contudo não chegamos a alcançar os resultados, devido à pandemia COVID-19, sendo que o projeto foi interrompido, ficando, assim, a curiosidade para testarmos no futuro.

Considerações finais

O uso de ferramentas participativas, como a criação dos cartões de interesses iniciais, teve como objetivo promover a participação ativa dos indivíduos, fazendo com que estes fossem sujeitos do processo de mediação. Desta forma, enquanto mediadoras deste processo, respeitamos as ideias e necessidades dos reclusos, tornando-as objetivos do nosso projeto.

Com base nos cartões de interesses iniciais, observamos um déficit nas relações interpessoais, no autoconhecimento e no conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST's). A fim de explorar e enriquecer a nossa investigação nas áreas acima mencionadas, recorremos à revisão teórica, que nos possibilitou compreender melhor as problemáticas, de forma a atuar adequadamente no contexto. A partir do estudo sobre as problemáticas, e da revisão de literatura, compreendemos que a mediação transformativa seria o método mais adequado para a nossa intervenção neste contexto, na medida em que a mediação transformativa, "é um método utilizado para soluções ou transformações de conflitos interpessoais, possibilitando assim que o mediador conduza a ação, a partir de um processo com base no diálogo, proporcionando um ambiente reflexivo" (Santos & Filippin, 2018, p.717). Deste modo, desenvolvemos atividades criativas e dinâmicas, com vista a promover o autoconhecimento, as relações interpessoais e o aumento do conhecimento sobre as DST'S, combatendo assim as necessidades de formação apresentadas pelo público-alvo.

No "Projeto Pensar para Recomeçar", procuramos ter o cuidado de elaborar atividades dinâmicas acompanhadas de um ambiente informal e descontraído, o que fez com que os participantes conseguissem ter uma participação ativa e estar motivados no decorrer das sessões.

A nível do desenvolvimento de competências pessoais, este projeto realizou atividades que visavam promover a autoestima, desenvolver competências de autoconhecimento e dar-se a conhecer aos outros. Para atingir esses objetivos planejamos as sessões de forma a que os participantes fossem capazes de identificar as características pessoais positivas que possuíam, bem como identificar as características positivas dos outros. De forma a promover a capacidade de autoconhecimento, também desenvolvemos atividades que suscitaram a reflexão dos indivíduos, dando ênfase ao lado emocional. Assim, podemos concluir que este projeto contribuiu para desenvolver competências pessoais e sociais nestes reclusos.

Relativamente ao desenvolvimento de competências sociais, pretendemos fortalecer as relações interpessoais, contribuindo para a promoção da interação entre pares, o desenvolvimento da comunicação assertiva e a análise de preconceitos pessoais. Nesta fase do processo de mediação consideramos que visto que já tínhamos verificado mudanças no comportamento do público alvo, as competências adquiridas contribuíram e tornaram-se essenciais para o desenvolvimento dos comportamentos sociais. Este resultado deve-se não só à planificação, mas também à cooperação e interesse que os participantes demonstraram durante todo o processo.

Para terminar, queremos realçar que a oportunidade de desenvolver um projeto num estabelecimento prisional é um grande desafio, devido ao facto de termos bastantes barreiras de acessibilidade em diversas situações do quotidiano dos indivíduos. Além disso, este contexto trás bastantes restrições na implementação das atividades. Por exemplo, apenas estavam autorizados a entrar no estabelecimento as voluntárias, que eramos nós, e o acompanhante da Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra a SIDA”, deste modo seria difícil a entrada de eventuais convidados que poderiam desempenhar um papel fundamental para o enriquecimento do nosso projeto. Dadas as limitações, a implementação deste projeto decorreu dentro do esperado, dado que, fazer parte da equipa voluntária da Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra a SIDA”, verificou ser uma mais valia para o sucesso deste projeto. Também consideramos fundamental fazer alusão à interrupção da implementação deste projeto devido ao Covid-19 (doença provocada pelo novo coronavírus SARS-COV-2), que não nos possibilitou desenvolver as atividades planificadas para o aumento de conhecimento de doenças sexualmente transmissíveis. Concluímos que, apesar da interrupção, foi um projeto bastante desafiador, visto ter sido a nossa primeira experiência em contexto profissional, o que nos possibilitou uma aprendizagem construtiva e enriquecedora como futuras Técnicas de Educação.

Referências bibliográficas

- Barbosa, A. A. (2015). *Mediação Familiar Interdisciplinar*. São Paulo: Atlas.
- Costa, E. P. D., Almeida, L. & Melo, M. (2009). A mediação para a convivência entre pares: contributos da formação em alunos do ensino básico. In B.D. Silva, A. Leandro, A.B. Lozano, & M.P. Luzequiano (Org.), *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (pp. 165-178). Braga: Universidade do Minho Disponível em: [http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/8427/Media%
c3%a7%a3o_convivencia_pares_2009.pdf?sequence=2](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/8427/Media%c3%a7%a3o_convivencia_pares_2009.pdf?sequence=2)

- Costa, W. S. D. (2010) [Documento em PDF]. Humanização, relacionamento interpessoal e ética. *Revista de Gestão*, 11, (1). Disponível em: http://www.unifal.com.br/Bibliotecas/Artigos_Cientificos/HUMANIZA%C3%87%C3%83O,%20RELACIONAMENTO%20INTERPESSOAL%20E%20%C3%89TICA.pdf
- Dias, S., F. (2006). *Educação pelos pares: uma estratégia na promoção da saúde*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <https://www.pnvihsida.dgs.pt/comunicacao-social/ficheiros/educacao-pelos-pares-pdf.aspx>
- dos Santos, A. F. (2018) [Documento em PDF]. *Diários de bordo: relatórios de uma prática investigativa da subjetividade e do mundo objetivo*. Brasil. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1173.pdf>
- Fachada, M. O. (2018) [Documento em PDF]. *Psicologia das relações interpessoais (3ª Edição)*. Edições sílabo. Disponível em: http://silabo.pt/Conteudos/9633_PDF.pdf
- Fonseca, L., Reis, R., Mesquita, K. & Alcantara, A. O. (2016) [Documento em PDF]. Relacionamento interpessoal & trabalho em equipe: impactos num ambiente organizacional. In CNEG & INOVARSE (Eds.), *Congresso nacional de Excelência em Gestão*, 7. Disponível em: http://www.inovarse.org/sites/default/files/T16_215.pdf
- Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra aSIDA” (s.d.). *O Projeto Nacional de Educação pelos Pares "Sexualidade e prevenção da infeção VIH/SIDA" e a Promoção da Saúde*. Disponível em: http://www.fpccsida.org.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=142%3Aprojecto-nacional-de-educacao-pelos-pares&catid=1&Itemid=213
- Leitão, S. P., Fortunato, G. & Freitas, A. S. D. (2006). Relacionamentos interpessoais e emoções nas organizações: uma visão biológica. *Revista de Administração Pública*, 40 (5), 883-907. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122006000500007&script=sci_arttext
- Price, N. & Knibbs, S. (2009). How effective is peer education in addressing young people’s sexual and reproductive health needs in developing countries? *Children & Society*, 23, 291-302.
- Santos, J. L. & Filippin, R. F. (2018). A mediação transformativa e os conflitos socioambientais: empoderamento e alteridade para a consciência ambiental. *Revista Jurídica Cesumar-Mestrado*, 18(3), 711-737.

- Santos, M. N. P. D. (2011) [Documento em PDF]. *Desenvolvimento de competências profissionais com a educação pelos pares- Estudo de Caso*. Porto: Universidade do Porto. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/19172/3/Desenvolvimento%20de%20Competncias%20Profissionais%20com%20a%20Educao.pdf>
- Sciacca, J., & Black, D. (1996). A critical review of peer education with young people with special reference to sexual health: are we throwing the baby out with the bath water. *The Peer Facilitator Quarterly*, 14, 17-19.
- Torremorell, M. C. B. (2008). *Cultura de mediação e mudança social* (2ª edição). Porto: Porto Editora.
- Turner, G. & Sheperd, J. (1999). Method in search of a theory: peer education and health education. *Health Education Research*, 14, (2), 235-247.
- World Health Organization (s.d.). HIV in prisons. Recuperado de <http://www.euro.who.int/en/health-topics/communicable-diseases/hiv/aids/policy/policy-guidance-for-key-populations-most-at-risk2/hiv-in-prisons>
- World Health Organization (1999). WHO guidelines on HIV infection and AIDS in prisons. Recuperado de https://www.who.int/hiv/idu/WHO-Guidel-Prisons_en.pdf?ua=1
- World Health Organization (1999) [Documento em PDF]. Effectiveness of interventions to address HIV in prisons. Evidence for action technical papers. Recuperado de https://www.who.int/hiv/idu/OMS_E4Acomprehensive_WEB.pdf
- World Health Organization & Joint United Nations Programme (2006) [Documento em PDF]. HIV/AIDS Prevention, Care, Treatment and Support in Prison Settings. Recuperado de https://www.unodc.org/pdf/HIV-AIDS_prisons_Oct06.pdf

Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com a referência UIDB/00317/2020.

The background features a complex abstract design with overlapping organic shapes in shades of orange, red, yellow, and green. A vertical blue bar is on the left side. The text is centered and overlaid on these shapes.

FORMAÇÃO, MEDIACÃO E SUPERVISÃO

**CONTEXTOS RESPONSÁVEIS PELA
PROMOÇÃO SUSTENTÁVEL DE
COMUNIDADES PACÍFICAS
E INCLUSIVAS**

Isabel Carvalho Viana, Maria Teresa Vilaça (Orgs.)

Copyright © 2020 pelo Centro de Investigação em Estudos da Criança,
Instituto de Educação, Universidade do Minho
Todos os direitos reservados
Impresso em Portugal
www.ciec-uminho.org

ISBN 978-972-8952-65-5

*Copyright © 2020 by the Center for Research in Child Studies,
Institute of Education, University of Minho
All rights reserved
Printed in Portugal
www.ciec-uminho.org*



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Centro de Investigação
em Estudos da Criança (CIEC)

Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com a referência UIDB/00317/2020

EDITOR CIEC–Centro de Investigação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, Portugal
Universidade do Minho, Instituto de Educação
Campus de Gualtar
4710-057 BRAGA, Portugal
T: (00 351) 253.60 12 12

This work was financially supported by Portuguese national funds through the FCT (Foundation for Science and Technology) within the framework of the CIEC (Research Center for Child Studies of the University of Minho) project under the reference UIDB/00317/2020.

EDITOR CIEC–Research Centre on Child Studies, University of Minho, Portugal

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR